



## LINGUAGEM E JORNALISMO EXPERIMENTAL JUVENIL EM TERESINA NOS ANOS 1970\*

**Frederico Osanan Amorim Lima\*\***  
Universidade Federal do Piauí – UFPI  
[fredufpi@hotmail.com](mailto:fredufpi@hotmail.com)

**Francisco José Leandro Araújo de Castro\*\*\***  
Universidade Estadual do Piauí – UFPI  
[leandrocastrophb@hotmail.com](mailto:leandrocastrophb@hotmail.com)

**RESUMO:** O artigo a seguir aborda a linguagem artística no jornalismo experimental praticado por uma parcela da juventude em Teresina-PI, nos anos iniciais da década de 1970, no sentido de instaurar novos signos de comunicação e abrir canais de comunicação em meio a um clima de censura. Durvalino Couto Filho, Torquato Neto, Carlos Galvão, Edmar Oliveira, Paulo José Cunha, entre outros, por meio de uma atividade de produção artístico-jornalística, como os suplementos culturais **Hora Fatal**, **O Estado Interessante**, bem como o mimeografado **Gramma**, na esteira da literatura/arte marginal, buscavam, gradativamente, quebrar com uma cultura dita do “verbo engravatado”, uma cultura “oficial” na cidade, bem como prospectar novos sentidos com a linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem – Jornalismo experimental – Juventude – Cultura

---

\* Este artigo é um desdobramento do projeto de pesquisa intitulado: **Virar ao avesso os sentidos:** linguagem, micropolítica e (re) apropriação midiática no jornalismo experimental juvenil em Teresina-PI nos anos 1970, cuja pesquisa é desenvolvida junto ao programa de pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí.

\*\* Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor Adjunto I da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

\*\*\* Discente do Programa de Pós-Graduação Mestrado em História do Brasil PPGHB, na UFPI. Professor auxiliar da Universidade Estadual do Piauí UESPI. Bolsista do Programa Capes/DS. Membro do Grupo de Pesquisa: História, Teatro, Música e Estética, vinculado ao CNPq. E do Grupo História Cultura e Identidade. Linha II: História e Movimentos juvenis.

## LANGUAGE AND EXPERIMENTAL JUVENILE JOURNALISM IN TERESINA IN THE YEARS 1970

**ABSTRACT:** The following paper discuss about the language arts at journalism experimental practiced by a portion of young people in Teresina-PI, in the early seventy years, in order to establish a new signs of communication and open ways to communication in a climate of a severe disapproval. Durvalino Couto Filho, Torquato Neto, Carlos Galvão, Edmar Oliveira, Paulo José Cunha, among others, by ways of a production activity artistic-journalistic, as cultural supplements **Hora Fatal**, **O Estado Interessante** as well the mimeographed **Gramma** in the line of literature/art of a declass man sought gradually break with a culture dictates by the verb closing, one culture "official" in the city, as well as prospecting new meanings of language.

**KEYWORDS:** Language – Journalism experimental – Young – Culture

Vovó dividiu pra mim o bem do mal, mas eu  
cismeí de caminhar entre os extremos. À  
minha direita está o bem à esquerda, o mal.  
Eu não ligo e ando desligado em linha reta  
procurando o sei lá o que existe no horizonte  
do futuro onde a interrogação existe.  
Qualquer dia chego lá. Estou entre os  
mundos do bem e do mal. Não penso em  
mim porque estou longe de existir. Não vejo  
em mim o caos dos anos de agora. Por agora  
sou presente ausente. Agora sou futuro  
apenas.

Edmar Oliveira. **Venha pra curtir**, 1972.

O período que marca o final dos anos 1960 e o início da década de 1970 assiste a uma progressiva tomada de posição por parte dos segmentos juvenis em diferentes espaços. No Brasil, em alguns centros urbanos, os grupos juvenis, principalmente aqueles praticantes de atividades artísticas, irão, aos poucos, propor a inserção de seus valores e novos hábitos através de diferentes meios. Um desses meios é a prática jornalística. Se de um lado a grande imprensa vai sendo asfixiada, ou se adaptando aos ditames do regime civil-militar imposto no Brasil em 1964, de outro, é possível observar a presença de novas linguagens juvenis nas páginas de suplementos culturais, dominicais, ou mesmo de jornais mimeografados, a exemplo dos produzidos em Teresina por uma parcela da juventude local. No início dos anos 1970, uma das maneiras encontradas por representantes da juventude teresinense para romper com o clima de tensão e silêncio oriundos do regime repressivo instaurado no Brasil desde

1964, foi a produção independente de jornais mimeografados, em *off set*, ou em outros formatos.

A caracterização da linguagem empregada nas páginas dos suplementos culturais produzidos por Durvalino Couto Filho, Edmar Oliveira, Paulo José Cunha, Arnaldo Albuquerque, entre outros, tendo como espécie de guru a figura de Torquato Neto, enfatiza a necessidade vital de amplificar sua noção de quebra dos padrões do que se entende por cultura, ao mesmo tempo em que busca evidenciar modos de vida que não sejam conectados com certo modelo ideal de comportamento.

A produção juvenil teresinense, produzida por meio dos veículos abertos às novas linguagens juvenis, é atravessada pelas configurações históricas emergentes nesse período, como o dito “refluxo” artístico dos anos finais da década de 1960 e início dos anos 1970 e pelo campo aberto pela *marginália 70*,<sup>1</sup> movimento relacionado ao tropicalismo e o que este tinha de marginal e de proposta de renovação cultural nas linguagens artísticas no âmbito estético; bem como as inovações linguísticas dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, a música e os shows produzidos no contexto, entre outras propostas de manter teso o arco das inovações artísticas mesmo num período de repressão e censura. Adaptando-se, assim, por exemplo, ao que se acreditava ser necessário segundo as propostas de experimentalismo artístico, abertas por sujeitos como Torquato Neto, um dos símbolos dos combates abertos no *front* do campo artístico do período, atuando nas frentes do cinema experimental em Super-8<sup>2</sup> e no jornalismo alternativo. Dentro dessa proposta, o importante são suas ações desestabilizadoras e posturas marginais – único modo de manter uma arte de invenção

---

<sup>1</sup> Frederico Coelho diferencia dois movimentos diferentes: Tropicalismo, e a ideia do termo Pós-Tropicalismo, termo este atribuído a obra síntese: **Impressões de Viagem** de Heloisa Buarque de Hollanda, no início dos anos 80. Como contraponto sugere a diferenciação entre o Tropicalismo musical tendo como expoentes maiores Caetano Veloso e Gilberto Gil, e o tropicalismo e sua aproximação com a cultura marginal, como reação ao tropicalismo modista, tendo como expoentes figuras egressas do tropicalismo musical como Torquato Neto, Hélio Oiticica, entre outros. Ver: COELHO, Frederico. **Eu, brasileiro, confesso minha culpa e meu pecado**: cultura marginal no Brasil das décadas de 1960 e 1970. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

<sup>2</sup> Super-8 (ou Super 8 mm) é um formato cinematográfico desenvolvido nos anos 1960 e lançado no mercado em 1965 pela Kodak, como um aperfeiçoamento do antigo formato 8 mm, mantendo a mesma bitola. Quando surgiu, o Super-8 foi proposto para uso amador - registro de eventos sociais, viagens e cenas domésticas. Seu baixo custo em relação às bitolas profissionais de cinema (35 mm e 16 mm) e a sua qualidade em relação ao 8 mm tradicional fizeram com que se tornasse, nos anos 1970 e 1980, o formato preferencial para filmes de estudantes, filmes experimentais e mesmo para tentativas semi-profissionais de cineastas iniciantes.

no país – ao contrário do conformismo que reinava cada vez mais.<sup>3</sup> Segundo Frederico Coelho (2010), em seu livro “Eu brasileiro confesso, minha culpa e meu pecado”,<sup>4</sup> Torquato Neto pode ser considerado um dos mais marcantes personagens dentro dessa proposta de renovação cultural brasileira que seria a *marginalia*. Segundo ele, “Torquato detém o posto de agente-chave na organização e na manutenção de um compromisso estético assumido por ele em torno da *marginália*”.<sup>5</sup>

Acreditamos, nesse sentido, ser possível dar outra caracterização histórica para os anos iniciais da década de 1970, vendo-os como potencialidades, como possibilidade para novas análises. Problematizando, inclusive, uma noção há muito pensada, a de que o período foi marcado, predominantemente, por um “vazio cultural”, como considera, por exemplo, Zuenir Ventura.<sup>6</sup> Vemos, entretanto, que, tanto em Teresina quanto em outras cidades brasileiras do mesmo período, o clima de efervescência cultural juvenil era significativo, a produção em Super-8 e a imprensa marginal se faziam presentes em alguns centros do país, mesmo com o crescimento do autoritarismo.

Coelho (2010) aponta, ainda, que na década de 1970, no campo cultural brasileiro, elementos como a fidelidade a padrões de pensamento, o posicionamento político e o comportamento pessoal serviam como eixo discriminatório, estigmatizante ou consagrador do artista. Nesse ponto podemos visualizar que fazer arte nesse período é, em grande medida, assumir uma postura, assumir um risco, é assumir uma posição política.

No que concerne à ideia de marginal, de alternativo, vemos que há alguns pontos em comum com a juventude teresinense, sua produção de filmes em Super-8 e jornais marginais e o grupo articulado em torno de Torquato Neto na capital carioca, tendo como sujeitos envolvidos Waly Salomão, Hélio Oiticica, entre outros. No que se refere à caracterização alternativa, teresinenses e cariocas, estes sob o espectro da *marginália*, utilizaram-se dos veículos ditos oficiais. Vale destacar a atuação de

---

<sup>3</sup> COELHO, Frederico. **Eu, brasileiro, confesso minha culpa e meu pecado**: cultura marginal no Brasil das décadas de 1960 e 1970. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 267.

<sup>4</sup> Ibid., p. 252

<sup>5</sup> Ibid., p. 253

<sup>6</sup> A expressão “vazio cultural” tratando do campo cultural brasileiro nos anos 1970, aqui se refere à matéria veiculada na Revista Visão em 1971, onde Zuenir Ventura aponta que nada no cinema seria semelhante ao cinema novo; nada como a bossa nova na música; e assim por diante. Que os movimentos anteriores é que proporcionaram uma autorreflexão crítica no país. In: VENTURA, Zuenir. Vazio Cultural. **Visão**, Rio de Janeiro, jun. 1971.

Torquato Neto em jornais de grande circulação, como o jornal carioca *Última Hora*, no sentido de divulgação de suas propostas marginais. Frederico Coelho (2010) destaca ainda que, se observarmos com atenção, veremos que a maioria dos trabalhos ligados à cultura marginal ocorria em espaços considerados oficiais. No entanto, a nosso entender, essas produções se caracterizam enquanto marginais, alternativas, no que se refere à própria linguagem empregada, no sentido de forçar uma redefinição da noção da linguagem artística, do papel do artista no período e na busca de espaços, de brechas dentro do sistema. Entendemos, por conseguinte, essas produções como tomadas de posições dos sujeitos envolvidos com o campo da produção artística no período em questão.

Torquato Neto, em matéria para o suplemento cultural teresinense *Hora Fatal*, de 1972, mapeia os espaços de constituição das linguagens experimentais, as revistas e os jornais alternativos que trazem essa percepção, essa nova postura, ao mesmo tempo em que aponta uma aproximação entre o grupo da *marginália70* e o grupo aqui denominado *experimental teresinense*. Os nomes relacionados com o campo da produção marginal nesses espaços representam os que levam a proposta de renovação artística e estética adiante.

[...] quero dizer uns nomes pra vocês – e desses nomes somente os nomes mesmo – mapa do tesouro – se virem – e é o mesmo assunto, meu anjo – misturado – presença – gramma – flor do mal – a tribo – verbo encantado – waly sairlormoon – pê josé – luís otávio pimentel – durvalino – caetano e gil, af course – maciel – rogerio duarte – carlito galvão – décio pingnatori (bis) – julinho bressane – a família do barulho – rogerio sganzerla – o bandido da luz vermelha – edmar oliveira – ivan cardoso – nosferatu no brasil – luciano figueiredo e oscar ramos – ana duda machado – contracomunicação – e a navilouca que ainda vai zarpar – procurem – achem – é o mesmo papo meu anjo.<sup>7</sup>

A aproximação entre os sujeitos envolvidos com o campo artístico-experimental tais como Júlio Bressane, Rogério Sganzerla, Luís Otávio Pimentel – personagens do movimento caracterizado como cinema marginal – e Durvalino Couto Filho, Edmar Oliveira, que atuam no *front* artístico teresinense, revela que, para o autor do texto, ambos os grupos refletem a proposta de renovação da estrutura de comunicação artística nos anos 1970, ou seja, todos propõem a tomada do poder da

---

<sup>7</sup> NETO, Torquato. Manifestação: pezinho pra dentro, pezinho pra fora. **Jornal A Hora Fatal**, A Hora, Teresina, jul. 1972.

linguagem experimental, pela “navilouca” prestes a zarpar. O grupo teresinense, nesse aspecto, e suas propostas de atuação tanto na produção de uma filmografia experimental em Super-8 e da prática jornalística, na tentativa de recriar o código linguístico usual no campo artístico, seriam, para Torquato Neto, signos de um movimento, em grande medida, conectado. Pois estes trariam novas percepções em torno do campo artístico e, conseqüentemente, produziriam novos valores estéticos e comportamentais aos artistas envolvidos nas produções; além, é claro, de apontar quais os prováveis canais de criação dessa rede multifacetada, de propostas temáticas, artísticas. O jornal mimeografado criado em 1972, em Teresina, **Gramma**, por Durvalino Couto Filho, Edmar Oliveira, Paulo José Cunha, Arnaldo Albuquerque, entre outros jovens, faz parte, assim como o jornal baiano **Verbo Encantado**,<sup>8</sup> e como o jornal **Flor do mal**,<sup>9</sup> de Luís Carlos Maciel, de uma proposta ampla. A semelhança entre eles faz com que Torquato Neto manifeste apreço pelos jornais e considere que, tanto do ponto de vista estético quanto linguístico, os jornais se caracterizavam pela experimentação. São propostas semelhantes, não no sentido de homogeneizá-las, ou de que fariam parte de um movimento coeso, uno, racionalmente organizado, ou com critérios de atividade pré-determinados, mas, o que estes têm em comum, antes de tudo, é sua função dessacralizadora dos padrões estéticos e da linguagem artística juvenil voltada para fatores como a produção jornalística no contexto. Com a sua “maneira diferente de pensar”<sup>10</sup> as questões referentes a realidade da cultura de *Antares*,<sup>11</sup> a intenção do grupo teresinense, em muito, se conecta com o ideal de “botar pra ferver o caldo”,<sup>12</sup> das inovações conceituais-artísticas no campo da produção jornalística, marcas também das propostas do grupo carioca.

---

<sup>8</sup> O jornal **Verbo Encantado**, publicado entre 1971 e 1972 por Álvaro Guimarães, é o irmão baiano de **Flordo Mal**. Foram 22 edições de cultura *underground* na veia, sob as bênçãos de Caetano Veloso e Gilberto Gil.

<sup>9</sup> O jornal intitulado a **Flor do Mal** foi fundado em 1971, por Luiz Carlos Maciel e pelos poetas Tite de Lemos, Torquato Mendonça e Rogério Duarte. Seu “desabrochar” se deu em plena asfixia imposta pela ditadura militar, principalmente com seu recrudescimento em 1968.

<sup>10</sup> O Estado Interessante, em Jornal **O Estado**, Teresina, p. 08, 25 mar. 1972.

<sup>11</sup> O termo *Terra de Antares* é proposto pelos jovens teresinenses envolvidos com o campo de produção dos jornais culturais de início dos anos 1970. No sentido de inverter o signo de identificação do espaço citadino. Aqui o termo *Antares* se refere ao código criado nas páginas de alguns jornais da juventude aqui caracterizada como *experimental*, no sentido de visualizar uma nova maneira de dizer e sentir Teresina, a sua *Terra de Antares*.

<sup>12</sup> O Estado Interessante, em Jornal **O Estado**, Teresina, 25 mar. 1972.

Torquato Neto, em texto do período, através de uma matéria de Marisa Alvarez de Lima para a revista **O Cruzeiro**, de dezembro de 1968, aponta a radicalização da postura assumida por ele e por outros sujeitos como Hélio Oiticica, Waly Salomão, assinalando, segundo Coelho (2010), a emergência da *marginália*. Esse enfatiza a postura a ser assumida daí em diante pelo artista

Só acredito no artista fora da lei, ou por outra: a tradição é chatíssima. É o marginal que mantém o arco em permanente tensão, o excêntrico que escandaliza a Hebe, o maluco que enfurece as inquisições de todos os tempos. Estes são os bons, os que mandam a bola pra frente.<sup>13</sup>

Neste ponto é que se percebe que a renovação da linguagem artística produzida nos meios de comunicação jornalísticos, por exemplo, em Teresina, é fortemente impulsionada pela tentativa de romper com a linguagem empregada pelos veículos midiáticos ditos oficiais da “*velhaAntares*”. Para muitos jovens envolvidos com novos experimentos artísticos, incluindo os jornais, os veículos oficiais encarnavam uma cultura marcadamente retrógrada, moralizante e tradicionalista. Segundo Edmar Oliveira, “a cultura de *Antares* olha é pra trás, vive do passado no passado, as ruas estão cheias de Machado de Assis de meia tigela, de Zés de Alencares. O certo é que a cultura daqui é museu”.<sup>14</sup> Neste ponto ele afirma que é preciso abrir novos canais de comunicação, abrir brechas em meio “à estagnação geral da cultura teresinense”. Um dos fatores que impulsionam a abertura e tentativa de criação de espaços midiáticos e sua (re)apropriação é, portanto, a caracterização, a maneira como se percebe as práticas da imprensa na cidade de Teresina. Era, portanto, uma tentativa de questionar a linguagem *formalizada/formolizada* da cultura do *verboengravado*, característico dos setores dominantes nos meios oficiais, por alguns ditos intelectuais e de alguns jornais da cidade, onde a linguagem empregada reafirma o censo conservador do período – como o **Jornal do Piauí** –, quando não da própria reprodução dos velhos hábitos.

De acordo com Teresinha de Jesus Mesquita Queiróz (2005), “em circunstância em que as estruturas repressoras atuam com visibilidade, a palavra é dos

---

<sup>13</sup> Torquato Neto. In: LIMA, Marisa Alves. **Marginália** – arte e cultura na idade da pedrada. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

<sup>14</sup> EDMAR, Verbo engravado. **O Estado Interessante**, O Estado, Teresina, 16 Abr. 1972.

primeiros processos a ser imobilizado, e castrado em sua força de operar no social”.<sup>15</sup> E isso, em grande medida, se aplica ao ambiente autoritário onde as forças repressoras estão dispersas em meio ao corpo social, como se pode perceber nos jornais ditos oficiais da cidade, onde há uma reprodução dos valores instituídos pelos mecanismos de poder atuante no regime civil-militar.

Jovens como Durvalino Couto, Arnaldo Albuquerque, Edmar Oliveira, entre outros, acabam propondo uma *reinvenção* dos canais de comunicação juvenil pelo movimento de desenhar uma nova linguagem. Numa busca de suscitar novos efeitos com a palavra, desestabilizar e rearranjar a estrutura jornalística e artística, em prol da mudança, é que se fazem as produções juvenis do grupo, como uma brisa utópica, um respirar de novos ares que produza novas significações. A linguagem neste ponto é pensada como elemento prospector de novas sensibilidades, fio condutor da trama, da urdidura das composições das singularidades juvenis. Ela é o lugar da produção dos sujeitos, neste sentido é que se entende que o seu uso é central no processo de significação das coisas e dos sujeitos. A linguagem vista, portanto, como “artefato de invenção”,<sup>16</sup> é o mecanismo a partir do qual se pensam as novas sensibilidades juvenis e é em torno dela que se travam os mais diferentes conflitos, permitindo, desta forma, a percepção de que novas realidades comportamentais estão sendo criadas.

Sabe-se que a linguagem sofre diferentes interditos em toda e qualquer sociedade. Ainda mais se pensarmos que o que pesa sobre as pessoas é o signo do autoritarismo do regime civil-militar, e suas ressonâncias numa esfera micrológica no contexto em questão. Portanto, a prática de escrita da juventude teresinense também sente os reflexos da censura, das relações interpessoais e do Estado autoritário.

Em carta enviada ao amigo Hélio Oiticica, Torquato Neto demonstra certo encantamento e surpresa com a produção do mimeografado **Gramma**, publicado em 1972:

Esse jornal feito de repente por uns sete a oito meninos aqui de dentro, com idade variável entre 16 e 20 anos, tem, para nós que começamos a bagunça com presença e flor do mal uma significação gratíssima. Eles tratam de problemas daqui mesmo [...] mas com uma

---

<sup>15</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Imprevisíveis significados. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de Paupéria**: Torquato neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005, p. 22.

<sup>16</sup> CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de Paupéria**: Torquato neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005, p. 56.

radicalidade que a superprovíncia não conseguiria suportar [...] Evidente que o jornal foi apreendido pela Polícia Federal quatro dias após o lançamento e os meninos (em sua maioria secundaristas ou vestibulandos), chamados a depor[...].<sup>17</sup>

Notório observar, na escrita endereçada para Hélio Oiticica, além da caracterização em torno da faixa etária dos jovens envolvidos com a produção de “16 a 20 anos”, a “radicalidade” que a “superprovíncia não conseguiria suportar”. Isto diz respeito às linguagens, aos termos empregados, às gírias, além das temáticas visualizadas no jornal. E, mesmo se tratando de uma produção que aparentemente não se vincula a nenhuma crítica específica à uma dada instância macrológica do Estado autoritário, nem a nenhum segmento ou partido político tradicional, a produção do jornalismo alternativo experimental chama a atenção e tem uma visibilidade por parte de determinados setores repressivos, como a própria polícia. Isso ao ponto em que a produção experimental se caracteriza, antes de tudo, como uma forma de dar visibilidade a outras visões de mundo, de dar voz ao setor juvenil na produção jornalística, para além da produção de sentidos e verdades da rede de poder, pois “não há exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele. Somos submetidos à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade”.<sup>18</sup>

O sentido de prática política usado aqui, não se restringe ao campo da atuação nos canais institucionais do Estado. Então, por parte deste trabalho, estabeleceu-se como base teórica de operação, uma compreensão da política em seus aspectos mais amplos: a política do cotidiano, dos enfrentamentos mais concretos, na família, na escola, nos costumes, nas manifestações culturais. Do ponto de vista dos mecanismos de produção jornalística juvenil, a necessidade de criar todo um repertório novo por parte do grupo experimental teresinense, parte de uma busca vital por espaços de produção de suas visões acerca do mundo. No suplemento dominical **Hora Fatal**, canal aberto pelo jornal **A Hora**, os jovens envolvidos com o experimentalismo jornalístico, amplificam a sinfonia das inquietações no esforço de trazer à tona sua micropolítica

Esta é a hora fatal de se dizer as coisas. Dane-se quem quiser. A HORA FA-TAL é a **nossa amplificadora, nossa boca, pro mundo (o**

<sup>17</sup> Trecho de carta enviada por Torquato Neto a Hélio Oiticica. Disponível em <<http://www.noolhar.com/opovo/vidaarte/462073.html>>. Acesso em 23 de janeiro de 2010.

<sup>18</sup> FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Tradução de Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 28.

**grifo é nosso**). Circula encartado ao jornal A HORA todos os domingos. O título é uma curtição do poeta Wally Sairlormoon aplicado aqui pelo Edmar Oliveira, que também imaginou essa programação gráfica atravessada.<sup>19</sup>

Este jornal (isso é mesmo um jornal?) está pintando aqui encartado no A Hora, nasceu de uma necessidade fisio-bestialógica da gente, a HORA-FATAL, é também nosso ponto de vista, de vida e de morte.<sup>20</sup>

A prática jornalística empregada por Durvalino Couto Filho, Edmar Oliveira, Arnaldo Albuquerque, Carlos Galvão, entre outros, compõe um quadro de produção efêmera devido às condições de se produzir um jornalismo autônomo, independente das amarras e jogos de poder que caracterizam a grande imprensa piauiense dos anos 1970. Jornais feitos sob a ótica dos movimentos de ruptura das noções tradicionais de entendimento do artista, estes têm “gosto fatal e suicida”, por se tratarem de um *desinvestimento* das condições que aprisionam a linguagem e a produção cultural da grande mídia. Neste ponto, pensa-se sobre qual a abertura de possibilidades na existência individual e coletiva – linhas de fuga de modos de vida estéreis que não sustentam coisa alguma a não ser a produção de capital.<sup>21</sup> Não será esta precisamente a potência política própria da arte? A abertura para outras possibilidades? Mesmo que provisórias?

A mim não interessam os suspensórios das calças, os supositórios das coisas, os oratórios da sala ou o lado escuro da lua [...] o jornalismo que a gente imagina tem um gosto fatal e suicida. A gente sente o abismo a frente, a um passo, justamente o passo que se almeja dar. E plantam-se as coisas do agora, do momento, GRAMMA, chegou, rodou e foi. E foi alguma coisa de alguma coisa e foi um pouco do tudo de cada um e foi um grito (me permitam) uníssono, embora compostos (pode?) de vozes diferentes. GRAMMA pintou, e teve raízes coloridas?<sup>22</sup>

A linguagem empregada pela juventude é agora impulsionada pelo signo do novo, das mutações espaço-temporais, marcas distintivas do fim dos anos 1960 e início dos anos 1970. Edmar aponta: “pense, viva a mudança. Viva o presente e se ausente do

<sup>19</sup> Apresentação. Hora Fatal, nº 2, Teresina Julho de 1972, em Jornal **A Hora**. p. 03

<sup>20</sup> Hora Fatal, nº1. Em **Jornal A Hora**, Teresina, junho, 1972.

<sup>21</sup> ROLNIK, Suely. Políticas da hibridação: Evitando falsos problemas. **Cadernos de subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica Pontifícia Universidade Católica de São Paulo 2010, p. 21. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade>.

<sup>22</sup> GALVÃO, Carlos, cada macaco no seu galho. **Hora Fatal**, Teresina, n. 1, p. 06, Jul. 1972.

passado. Corra mesmo que seja em direção ao nada. Não pare. Os olhos tem que ver. Você tem que sentir o que existe. Você tem que sentir. Pronto. Vá em frente”.<sup>23</sup> Viver a mudança, a contingência, requer dos sujeitos, antes de tudo, rever sua própria condição enquanto tal e viver o fluxo das manifestações além das racionalizações dominantes, marcas, em grande medida, do momento quando, aos poucos,

[...] alguns setores jovens passariam, no período, a contestar e a recusar a racionalidade das formas dominantes de pensamento. E nesta recusa contra a cultura dominante os jovens se esforçariam, especialmente, para estender e tensionar os limites da linguagem, impondo novos conceitos e significados.<sup>24</sup>

Do ponto de vista das formas dominantes de pensamento,<sup>25</sup> a reação se faz significativamente contra certo papel assumido por parte da grande imprensa piauiense à época. Segundo Durvalino Couto Filho, esta seria uma “imprensa sem papel”, ou seja, detém uma postura de fundo arcaica e moralizante. Neste ponto, Durvalino se posiciona contra as matérias veiculadas nos jornais teresinenses recheados de colunistas sociais, “coluninhas dignamente assinadas, editoriais pomposos e cheios de palavras pseudo-eruditas”,<sup>26</sup> e pelo grande número de “clichês, de chegadas, de embarque, de recepções, de inauguração ou de discursos, matérias simpáticas e generosas”.<sup>27</sup> Ele é, portanto, a favor da subversão dessa lógica, dessa caracterização que os jovens da cultura experimental teresinense, a exemplo do próprio Durvalino Couto Filho, operam em suas produções. Era preciso, para o grupo a que Durvalino integra, uma imprensa jovem, que servisse e tivesse um papel de motor, de eixo central e desse espaço de visibilidade para as transformações juvenis pulsantes do período. Propor algo que burlasse a produção da discursividade dominante nas esferas de comunicação da cidade, pois “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo

---

<sup>23</sup> EDMAR, Verbo engravatado. O Estado Interessante. **O Estado**, Teresina, p. 03, 16 Abr. 1972.

<sup>24</sup> CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de Paupéria**: Torquato neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005, p. 64.

<sup>25</sup> Para a noção de “formas dominantes de pensamento”, ver: LIMA, Frederico Osanan Amorim Lima. **Curtos-circuitos na sociedade disciplinar**: Super-8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985). 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

<sup>26</sup> COUTO FILHO, Durvalino. Imprensa sem papel. O Estado Interessante. **O Estado**, Teresina, p. 05, 26 Mar. 1972.

<sup>27</sup> Ibid.

qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”.<sup>28</sup> Era preciso refundar a prática jornalística da velha *Antares* e assumir o papel de agente portador da nova comunicação. O artista, vinculado à escrita dos jornais, era o sujeito que mantém teso o arco da invenção como propunha a juventude experimental. Caso não materializado por parte da imprensa dita oficial.

A imprensa do Piauí comprova isso, [...] empunham nossos ouvidos com protestos representantes apenas e notoriamente de um etnocentrismo moral rígido, de uma parcialidade de normas e de condutas estereotipadas, de um purismo no comportamento social aparentemente inabalável.<sup>29</sup>

De acordo com a percepção dos sujeitos envolvidos na nova proposta de prática jornalística vinculada ao campo da arte, a imprensa piauiense, tal qual se encontrava nos anos 1970, sobretudo em Teresina, capital do Estado, era demasiadamente afeita às posturas do purismo comportamental, como aponta Durvalino Couto Filho. Portanto, em grande medida, conectada com os ideais de postura conservadora, normatizadora. Carlos Galvão, por sua vez, afirma ser necessária uma nova postura radical por parte dos jovens escritores, para além da *idiotice* imperante na cultura jornalística de *Antares*. É preciso, segundo essa postura, uma transformação no sentido mais profundo, pois uma “transformação que permaneça no mesmo modo de pensamento, uma transformação que seria apenas uma certa maneira de melhor ajustar o pensamento mesmo à realidade das coisas, seria apenas uma transformação superficial”.<sup>30</sup> Neste ponto, Carlos Galvão, no que se refere à postura jornalística empregada pelo grupo, estava tentando “fazer uma jogada diferente com as coisas que acontecem em volta”, apostando na fecundação de novas práticas jornalísticas. Com isto, acaba denunciando que

[...] É difícil falar-se em jornalismo, sem ter a vontade de esculhambar o coreto [...] a lamparina que alumia este nosso academicóide jornalismo de há muito precisa de querosene. E é a esse apelo incontido de burrice que acorrem os picaretóides da terra. Alimentando, pondo mais alento ao farol da idiotice piauiense [...].<sup>31</sup>

<sup>28</sup> FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996, p. 04.

<sup>29</sup> COUTO FILHO, Durvalino. Imprensa sem papel. O Estado Interessante. **O Estado**, Teresina, p. 05, 26 Mar. 1972.

<sup>30</sup> FOUCAULT, Michel. Est-il donc important de penser? Entrevista com Didier Eribon. **Libération**, n 15, p. 30-31, Maio de 1981. Traduzido a partir de: FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits**. Paris: Gallimard, 1994, p. 10. vol. IV. (Por Wanderson Flor do Nascimento)

<sup>31</sup> GALVÃO, Carlos. Hora Fatal n 1. **A Hora**, Junho de 1972.

Um dos elementos centrais utilizados pela juventude teresinense, no sentido de criar suas *singularizações*, como foi citado, é o campo da arte e da linguagem artística, enquanto forma de produzir seus territórios de atuação, pondo em evidência a realidade e a informação, entendendo que a comunicação sob a forma linguística pré-estabelecida, traz em si o substrato de dominação subjetiva. Portanto, é preciso criar novas formas de comunicar-se, romper com a linguagem tradicionalmente aceita, enrijecida, solidificada como demonstra o trecho a seguir:

Levando o raciocínio às últimas consequências, não existe criação nenhuma se não houver proposta distanciada de todos os esquemas e códigos de domínio público. Informação é desinformação. Ou para ser mais claro, para que se criem situações absolutamente novas no campo da arte é mister que se proponha sempre o incomunicável (à primeira vista, claro), para que seja adquirido o grau máximo de desligamento de formas já admitidas e “reconhecidas” pelo sistema. As formas redundantes não informam nada; apenas reiteram e reeleggem elementos já digeridos e admitidos pelo consenso.<sup>32</sup>

O trecho do jornal alternativo **Gramma**, mostra que era imperativo, para o grupo, (re)significar a linguagem, tendo em vista que a mesma, em um ambiente marcadamente repressor, pode operar dentro de um acordo tácito legitimando a lógica de poder; entendendo que a linguagem é lugar privilegiado da produção da realidade e as palavras já “admitidas e reconhecidas pelo sistema” representam o léxico desse poder. No contexto em questão, pairava sobre as pessoas e muitas de suas opiniões, diversos interditos; vivia-se uma época onde não se podia falar de qualquer coisa, a qualquer hora. E, neste ponto, a criação de um novo campo semântico se faz necessário, pois “o combate das palavras não ditas contra as palavras já ditas permite a ruptura do horizonte dado, permite que o sujeito se invente de outra maneira, que o eu seja outro”.<sup>33</sup>

Esse novo horizonte passa pelo questionamento da linguagem que, de acordo com Jorge Larossa (2006), é um instrumento necessário para não deixar que as palavras se solidifiquem e nos solidifiquem. Portanto, faz-se necessário “manter aberto o espaço líquido da metamorfose”<sup>34</sup> do tempo e de seus sujeitos através do uso da linguagem,

---

<sup>32</sup> PÊJOSÉ, Prata lindástica facada! **GRAMMA**, n. 1, p. 07, 1972.

<sup>33</sup> LAROSSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piroetas e mascaradas. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 40.

<sup>34</sup> Ibid.

pois “só assim se pode escapar, ainda que provisoriamente, à captura social da subjetividade”.<sup>35</sup> A linguagem artística já solidificada e sob a tutela dos mecanismos aprisionadores é posta em suspeição no ponto de se propor fundar novos signos linguísticos. É o que atestam alguns dos jornais experimentais produzidos em Teresina nos anos 1970.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da linguagem empregada por uma parcela da juventude teresinense nos anos iniciais da década de 1970 que, por meio de suplementos culturais encartados em jornais de maior circulação, deram visibilidade aos contornos pelos quais a arte em regime cerceador e autoritário pôde criar mecanismos capazes de burlar as formas dominantes de pensamento, foi tomada, neste artigo, com instrumento artístico experimental. Seus experimentos, expressos em suplementos culturais como **O Estado Interessante**, **Boquitas Rouge**, **Hora Fatal**, além do **Gramma**, foram utilizados como propostas de assumir a dianteira das transformações em torno do papel social do artista e o papel da arte, mas, também, de prospectar novas sensibilidades e comportamentos juvenis. Os escritos juvenis, portanto, são tomados aqui enquanto signos da compulsão juvenil em busca da abertura de novos espaços de inserção de suas visões de mundo e o canal por onde se buscava propor a inserção de temas antes não visualizados nos canais midiáticos.

O campo de estudo desta produção artística-juvenil faz-se pertinente e necessário, pois arrasta para a claridade outros sujeitos, bem como outras *posições de sujeito* que não aquelas já tradicionalmente evidenciadas quando se fala em regime civil-militar. Portanto, aqui, a proposta foi dar visibilidade a outras formas de resistir, criando para si outras formas de entendimento do mundo e da realidade social, inventando um cotidiano que se manifesta na esfera micrológica das vivências, utilizando a linguagem e a arte como meio.

A partir dos jornais mimeografados e das posturas assumidas por jovens artistas teresinenses, foi possível problematizar o lugar comum da fala sobre a juventude dos anos 1970; notadamente aquela que gravita em torno das grandes mídias, das

---

<sup>35</sup> LAROSSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 40.

academias de letras e das convenções sociais, expostas, com frequência, nos jornais de grande circulação no Estado. Nestas falas, como é comum verificar, o comportamento desviante era, além de execrado, um impeditivo para o ingresso em escolas, para a participação em determinados grupos e a manutenção, inclusive, de empregos.<sup>36</sup>

Da produção escrita, visual e musical deste grupo, entretanto, emergem potentes artimanhas estético/linguísticas, responsáveis por explodir o signo e seu significado e revelando as palavras e imagens em seus contornos maquinais, nas suas dobras, nas suas sobras e que há dentro e fora delas.

**ARTIGO RECEBIDO EM 14/02/2014. PARECER DADO EM 14/06/2014**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

---

<sup>36</sup> Para uma visão mais detalhada sobre o assunto, ver: LIMA, Frederico Osanan Amorim Lima. **Curtos-circuitos na sociedade disciplinar: Super-8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985)**. 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.